
Ensaio Acadêmico

Como enfrentamos o futuro: linguagem, cognição corporificada e ação humana

How we face the future: Language, Embodied Cognition and Human Action

Silvia Fernanda de Medeiros Maciel[✉] e Ernani Martins dos Santos[✉]

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil

Resumo

Este ensaio acadêmico busca construir reflexões em torno da questão de como enfrentamos o futuro, de como as vivências cotidianas configuram um campo de possibilidades para tomadas de decisões. Esse tema nos impele a discussões acerca do sentido do humano – acerca, portanto, da constituição de sujeito, da sua ação em diferentes contextos, de sua reação diante do inusitado. Nele discutimos a questão da abdução, sob aspectos distintos, e nos detemos na perspectiva de que tudo o que fazemos é dependente da nossa ação. Para além das ideias de abdução, refletimos sobre o enfrentamento do futuro a partir de discussões acerca da noção de cognição corporificada e da relação entre corpo, emoção e linguagem. Situamos ainda a noção de que o ser humano se constitui a partir das ações conjuntas com outros sujeitos humanos e que essa relação dialógica é histórica e se dá na linguagem. Desse modo, apontamos para o caráter de dinamicidade do nosso modo de lidar com o futuro e sugerimos que a nossa capacidade de lidar com o porvir está ligada a como nos constituímos como sujeitos, como seres-no-mundo. © Cien. Cogn. 2010; Vol. 15 (1): 211-216.

Palavras-chave: abdução; contingência; configuração contextual; linguagem; cognição corporificada.

Abstract

This essay builds reflections on the question of how we face the future, how the everyday experiences shape a field of possibilities for making decisions. This issue leads us to discussions about the meaning of human – about, therefore, the constitution of the subject, their action in different contexts, their reaction to the unusual. In this essay we discussed the issue of abduction, under different aspects, and in the perspective that everything we do is dependent of our action. In addition to the ideas of abduction, we reflect on the confrontation of the future from discussions about the concept of embodied cognition and the relationship between body, emotion and language. We reflect further on the notion that the human being becomes human in joint actions with other human beings, and that this dialogic relationship is historical and occurs in language. Thus, we speak of the dynamic aspect of how we face the future and we suggest that our ability to deal with the future is linked to how we constitute ourselves as subjects, as being-in-the-world. © Cien. Cogn. 2010; Vol. 15 (1): 211-216.

Keywords: abduction; contingency; contextual configuration; language; embodied cognition.

A questão acerca de como enfrentamos o futuro nos impele a reflexões sobre o próprio sentido do humano – como nos constituímos enquanto sujeitos, como agimos em diferentes contextos, como reagimos diante do inusitado, enfim, como nossas vivências cotidianas configuram possibilidades de tomadas de decisões. Estas reflexões, por sua vez, situam a noção de sujeito como um ser constituído em função de sua história (tempo e lugar) e da relação entre corpo, emoção e linguagem.

Shotter (2009), construindo sua reflexão sobre comportamento social, é pragmático ao afirmar que tudo o que fazemos é dependente da nossa ação. Ao retomar a noção de que toda ação humana é inserida em um contexto, defende a ideia de que essa ação se instaura em função de uma linguagem corporificada. Noção esta, por sua vez, discutida sob diferentes perspectivas, por diversos autores, entre os quais Maturana e Varela (1997), Goodwin (2000), Valsiner (2007, 2008), Lakoff e Núñez (2000), Overton (2008) e Echeverría (2007) – autores com os quais procuraremos dialogar para construir um encaminhamento para a questão lançada inicialmente.

Importa salientar que a discussão aqui proposta, acerca de planejamento de futuro, deve, logo de início, fazer referência à tricotomia da lógica formal peirceana: dedução / indução / abdução – mais especificamente ao último termo da tríade. Sendo o único tipo de inferência que se projeta para o futuro (dedução e indução referem-se a experiências passadas), a abdução nos coloca diante da possibilidade, diante do novo. O termo abdução, de origem latina (*ab* significa “longe de” e *ducere*, “conduzir”), seria originário de uma má interpretação do termo retrodução (Peirce, 1994) e poderia ser traduzido como “conduzir para longe de” (Santos, 2005). Assim, enquanto a dedução extrai inferências contidas em premissas e a indução confirma as inferências, via experimentação; a abdução procura demonstrar que alguma coisa pode ser.

Tida como o problema fundamental da epistemologia contemporânea, a abdução seria uma inferência hipotética apontando para o porvir. A lógica abdutiva seria como que um lampejo, um *insight*, um método capaz de criar novas hipóteses explicativas. E Valsiner (2007), baseando-se nessas ideias de Peirce, compreende a novidade, emergindo no processo abductivo. Segundo Valsiner, a abdução ocorreria se, ao nos depararmos com uma circunstância curiosa, adotássemos a *suposição* para explicar se tratar do caso particular de certa regra geral. Para este teórico o valor de verdade de uma abdução depende da indução e da dedução para ser aferido.

De modo distinto, Shotter (2009) também trata da noção de abdução. Definindo-a como um processo corporificado, não linguístico e imediato, do qual não teríamos plena consciência (apesar de tentarmos ordená-lo) e que possibilitaria nossa reação (num micromomento) diante de situações novas. Neste processo, uma informação seria interpretada e, ao ser explicitada, poderia adquirir novas significações – de maneira dinâmica e contextualizada. Deste modo, a representação de um estado futuro orientaria um evento semiótico do presente (permitindo-nos fazer antecipações).

Na perspectiva de Shotter (2009), abduções seriam ações no mundo que geram eventos futuros. Para ele, importam as coisas no plano da ação e, admitindo que o acaso proporciona a quebra do que é padrão, compreende que as escolhas feitas num dado momento, desencadeiam eventos futuros – que podem ser previstos. A ação é vista como um agente social inscrito em nossos corpos, como um resultado de regularidades encontradas nas nossas experiências passadas.

As antecipações incorporadas, na formulação de nossas práticas em geral, nos preparariam para agir adequadamente frente a circunstâncias únicas e contingenciais do tempo presente. Essas antecipações, continuamente atualizadas (ou reformuladas) viriam em resposta às mudanças de configuração contextual. Desse modo, a dinamicidade do contexto

em que estamos imersos nos convidaria, a cada nova situação, a identificarmos orientações e modos de agir em relação a nós mesmos e aos outros, possibilitando a projeção de nossas ações.

Para antecipar resultados de uma ação, é necessário estar participando de um contexto semiótico que utiliza signos comuns a todos os sujeitos da ação. Nesse sentido, a antecipação é um processo pelo qual a representação de um estado futuro orienta um evento semiótico presente – uma vez que os signos carregam com eles o futuro, pois estão impregnados de desejos e ideias. Vemos aí um duplo deslocamento em relação ao tempo: em um primeiro momento, ao antecipar uma interpretação (antecipação de futuro), o processo semiótico se deslocaria no presente, envolvendo algo passado (sinalizado por experiências anteriores) e remetendo ao futuro; quando, então, num segundo deslocamento, o futuro (antecipado) orientaria os eventos do presente. Assim, com os deslocamentos, as interpretações adquirem novas significações (instanciadas por contextos) e são capazes de modificar relações e atitudes que, por sua vez, alteram eventos.

Desse modo, podemos afirmar que na lógica abdutiva não há um determinismo absoluto no desencadeamento dos fatos, ainda que eles não sejam aleatórios. A perspectiva abdutiva não procura explicar a realidade totalmente, pois entende que ela nunca estará pronta e acabada. Há, isto sim, alguma “habilidade perceptiva” que nos permite prever como o que nos cerca vai reagir às nossas ações num determinado contexto. O que nos leva a pensar que os significados não existem *a priori*, mas são construídos conjuntamente nas práticas de nossas atividades.

Mas, para além dessas considerações preliminares sobre abdução, as reflexões em torno da ideia de cognição corporificada devem ser levadas em conta para seguirmos pensando acerca de como enfrentamos o futuro. As considerações de Maturana e Varela (1997) apontam para um entendimento de nossos corpos como estruturas vivas e experienciais, em que o interno e o externo, o biológico e o fenomenológico se comunicam, sem oposições. Para estes teóricos, a experiência do corpo em movimento nos ajuda a compreender os sentidos construídos artificialmente pelos conceitos, pela linguagem e pela cultura de um modo geral. Afirmam que, se fazemos parte do mundo e nos colocamos no posto de observadores, passamos a explicar o mundo tal como o conhecemos, a partir de nossas experiências, o que, por sua vez, leva-nos a agir conforme experienciamos e interpretamos esse mundo. Nesta perspectiva, temos que nos remeter ao fenômeno do conhecer na experiência cotidiana, que nos conduz a três movimentos que se complementam: olhar, explicar e agir.

Noutra perspectiva, Lakoff e Núñez (2000) também sustentam a premissa da indissociação entre corpo e mente. Baseando-se em evidências linguísticas, constatam que a maior parte de nosso sistema conceitual é de natureza metafórica. Ou seja, a mente e o corpo não são eventos independentes como supõe a visão metafísica do mundo ocidental, que fundamenta o cartesianismo. A experiência humana no mundo seria o começo de toda atividade cognitiva. Segundo estes teóricos, as metáforas, além de representar um aspecto formal da linguagem, permitem-nos estruturar conceitos mais sofisticados a partir de outros mais básicos e concretos.

Para Lakoff e Núñez (2000), o desenvolvimento dessa capacidade de “metaforização” depende da nossa experiência direta no mundo, possibilitada por nosso corpo. Assim, por exemplo, só estruturamos o conceito mais abstrato de tempo, em função de nossa experiência espacial. Seria por isso que nos referimos ao futuro como algo que está diante de nós e ao passado como algo que ficou para trás. Essa reflexão nos remete, em certo sentido, à ideia de antecipação no processo abduutivo: ao anteciparmos uma interpretação, remetemo-nos a

experiências passadas, a partir das quais orientamos os eventos presentes pela representação de um futuro.

Além de Maturana e Varella (1997) e Lakoff e Núñez (2000), Overton (2008) também destaca o corpo em suas reflexões, situando-o tanto como experiência vivida, quanto como objeto físico (elementos complementares e indissociáveis). Para Overton, a noção de corporificação se refere a um corpo ativamente engajado no mundo com objetos físicos e socioculturais, corpo cuja ação implica na projeção de significados para o mundo e serve como função instrumental de comunicação, onde um entendimento coerente da corporificação necessita de um contexto relacional. Ainda segundo este autor, o comportamento emerge a partir da corporificação, já que o sujeito por completo encontra-se ativamente engajado no mundo. Assim, o tipo de corpo que nós temos é pré-condição para os tipos de comportamentos, experiências e significados que temos. O sujeito é a fonte da ação e a ação é a fonte de significados, ação esta que é corporificada neste sujeito. A partir desta perspectiva, a experiência é identificada como co-constituição da ação e do ambiente.

Dito isto, temos, como tema fundamental para diversos autores, a configuração de uma possibilidade de reflexão sobre futuro a partir de discussões em torno do corpo. No entanto, entendemos também que o ser humano se constitui a partir das ações conjuntas com outros sujeitos humanos. E essa relação dialógica se dá na linguagem, que, nas palavras de Echeverría (2007), é a chave para compreendermos os fenômenos humanos.

Contudo, importa esclarecermos que noção é esta de linguagem com a qual nos filiamos para “evitar uma interpretação reducionista (...) que restrinja a complexidade dos fenômenos humanos à linguagem e que (...) prescindir de outras dimensões não linguísticas da existência humana” (Echeverría, 2007: 32, *tradução nossa*). Somos seres linguísticos, sim, mas a linguagem não esgota as múltiplas dimensões do humano.

Entendendo isso, Echeverría (2007) afirma haver três domínios primários na existência humana – dos quais quaisquer outros fenômenos são derivados – são eles os domínios do corpo, da emoção e da linguagem. Apesar de abarcarem diferentes facetas do fenômeno humano, os três compartilham estreitas relações de coerência entre si, de modo a podermos reconstruir fenômenos específicos de cada domínio através de quaisquer dos outros dois. O sentido da experiência humana, criado na linguagem, não pode ser isolado de um corpo e de uma emoção que o constituem.

Outro postulado fundamental sobre a linguagem, elaborado por Echeverría (2007: 34) afirma que “a linguagem é ação”, que ela “faz com que as coisas aconteçam”, ela cria realidades. Isso significa dizer que a linguagem não é uma ferramenta passiva usada para falarmos das coisas e descrevermos o mundo, ela é ativa e “por meio dela participamos do contínuo processo de elaboração do futuro” (Echeverría, 2007: 35) – é evidente, com estas afirmações, Echeverría não defende que a linguagem gera tudo o que existe, afinal, não se pode dizer que aquilo de que não falamos não exista. Efetivamente, com essa noção de linguagem como geradora, advém a noção de que, com a linguagem somos capazes de modelar o futuro, modelando nossa identidade e o mundo em que vivemos. A vida, como espaço em que nos inventamos a nós mesmos, como lugar de possibilidades, configura-se em função do nosso papel ativo na construção do futuro.

Dito isto, compreendemos a importância de situarmos a questão de como enfrentamos o futuro, entendendo o ser humano como estando em permanente processo de vir a ser, de se inventar e reinventar ao longo de sua história. Deste modo, o que efetivamente fazemos quando repetimos a pergunta deste texto, é perguntarmos como nos constituímos como sujeitos? O foco de nossas reflexões é o ser no mundo, a um só tempo corpo, emoção e linguagem.

Dessa relação imbricada entre corpo, emoção e linguagem (que define o sujeito humano), da qual trata Echeverría (2007), atrelada às considerações dos autores anteriormente citados, podemos falar de uma noção de cognição corporificada. Ideia que aponta fundamentalmente para o fato evidente de que nos constituímos em função do corpo que possuímos.

Assim, assumindo-se uma perspectiva antirrepresentacionista e não mentalista, a relação dicotômica mente-corpo se esgarça e passamos a compreender a cognição não mais como um sistema simbólico e abstrato, mas como corporificada. E dessa forma, podemos afirmar que

“quando se adota uma descrição da vida subjetiva em que corpo e mente deixam de constituir reinos ontológicos irreduzíveis e passam a dizer respeito a descrições (...) de uma *mesma* experiência de um organismo, não é difícil reconhecer que tanto palavras e significados quanto coisas não-linguísticas afetam essa experiência.” (Bezerra Jr., 2001: 36)

Portanto, as relações dialógicas entre as pessoas configuram-se em função de um corpo, dinâmico, temporal e espacialmente situado (Goodwin, 2000). Corpo que funciona como elemento expressivo nas interações e que precisa ser considerado para que possamos falar de ação humana. E acrescentamos ainda que essas ações emergem, se organizam e podem ser interpretadas em função da justaposição de quatro dimensões semióticas: o discurso (entendido como qualquer dimensão da linguagem), os artefatos, os registros e os gestos (Goodwin, 2000) – que, relacionadas, adéquam a construção de significados às atividades que desenvolvemos. Assim, o significado de “um ato cognitivo” não existe a princípio; é o sujeito que, ao focalizar alguma coisa, o elabora. Essa elaboração está estritamente relacionada à situação do momento, em que os sujeitos usam suas circunstâncias concretas para, pela interação e negociação, construir os conhecimentos necessários, que lhes permitirão o desempenho coordenado de atividades. Quando a ação é investigada em termos de configurações contextuais podemos analisá-la enquanto componente de um processo de produção social de significados, ou seja, como emerge, como é organizada e como pode ser interpretada.

A relação entre a ação e o ser é, portanto, geradora de sentido. Segundo as palavras de Echeverría (2007), por um lado, podemos falar que as ações humanas revelam nosso modo de ser; e por outro, essas ações também permitem que nos transformemos, que sejamos diferentes, que nos constituamos como sujeitos. As ações geram mudanças e colocam-nos diante do nosso próprio vir a ser, colocam-nos diante do futuro.

Valsiner (2002) lança algumas hipóteses a respeito desse processo quando argumenta que a irreversibilidade do tempo – fato que, para o autor, deve ser levado em conta ao pensarmos em desenvolvimento cognitivo – é driblada através de um processo de significação. Seria assim que, no momento presente, baseando-nos nas generalizações de eventos passados, apreenderíamos o futuro. Estaria nesse lugar de incerteza (em que passado, presente e futuro como que coexistem) o ponto para a construção de significados do nosso ser no mundo. Assim, há um processo que vem se instanciando, por um percurso histórico, em relação a algo do passado, em função de um futuro, nas ações do presente.

Diante do que foi dito, podemos pensar que a ideia de enfrentamento do futuro é o mesmo que pensar em como as pessoas negociam a construção de novidades. Entendemos que as ações emergem, não como algo relativo ao sujeito particular, mas como um processo de produção de sentido em função das relações entre as pessoas. Portanto, nossa relação com o futuro se configura em função de padrões que nos fazem interagir com o mundo – ao

compormos uma narrativa dos padrões que emergem, por exemplo, podemos situar nossas relações com o novo. Só podemos afirmar a novidade numa ação, se compreendermos o que é o comportamento padrão.

Dessa forma, nossa relação com o futuro se constrói em função dos padrões de ação que desenvolvemos. Esses padrões de ação, por sua vez, configuram os contextos em que atuamos. E isso significa dizer que não podemos falar em contexto antes da ação. O contexto não é algo estático, dado *a priori*, ele se reconfigura o tempo todo, em função do modo como agimos. Portanto, falamos aqui em um dinamismo processual que nos permite projetar o futuro (ou, noutros termos, em abdução).

Diante disso, poderíamos então sugerir que o nosso modo de lidar com o futuro é fundamentalmente dinâmico. Que o modo como negociamos possibilidades diante do inusitado tem a ver com nossa história de vida e com o modo como nos relacionamos no mundo. Que a construção dessas relações se configura em função do lugar que ocupamos nesse mundo e em função do corpo que possuímos. Enfim, poderíamos sugerir que nossa capacidade de lidar com o porvir, de agir diante da mudança eminente e constante, é fundamentalmente ligada a como nos constituímos enquanto sujeitos – em função da relação que desenvolvemos com nosso corpo, nossas emoções e nossa linguagem.

Referências bibliográficas

- Bezerra Jr., B. (2001). O lugar do corpo na experiencia do sentido: uma perspectiva pragmática. In Benilton Bezerra Jr. e Carlos Alberto Plastino (orgs.). *Corpo, afeto e linguagem: a questão do sentido hoje*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Echeverría, R. (2007). *Ontología del lenguaje*. Buenos Aires: Granica: J.C. Sáez Editor.
- Goodwin, C. (2000). Action and embodiment within situated human interaction. *J. Pragmatics*, 32, 1489-1522.
- Lakoff, G. e Núñez, R.E. (2000). *Where mathematics comes from? How the embodied mind brings mathematics into being*. New York: Basic Books.
- Maturana H. e Varela, F. (1997). *De máquinas e seres vivos: autopoiesis – a organização do vivo*. (J. A. Flores, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Overton, W.F. (2008). Embodiment from a relational perspective. Em: *Developmental perspectives on embodiment and consciousness*. (W. F. Overton, U. Müller e J. L. Newman). (pp. 1-18). New York: Lawrence Erlbaum Associates.
- Peirce, C. S. (1994). *Collected Papers* (vols. I – V). Cambridge: Harvard University Press.
- Santos (2005). Abdução e sinequismo: pedras angulares para uma semiótica dos sagrado. *Cognitio-Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia*, 2 (2), 1-14.
- Shotter, J. (2009). Bateson, Double Description, Todes and Embodiment: Preparing Activities and Their Relation to Abduction. *J. Theory Soc. Behav.*, 30 (9), 219-245.
- Valsiner, J. (2002). Irreversibility of time and ontopotentiality of signs. *Estudos de Psicologia*. 23 (1), 49-59.
- Valsiner, J. (2007). Thinking as a cultural process. Em: *Culture in minds and societies*. (pp. 276-299). California: Sage Publications Inc.
- Valsiner, J. (2008). Ornamented Worlds and Textures of Feeling: The Power of Abundance. *Critical Soc. Stud.*, 1, 67-78.